

II SEMINÁRIO ESTADUAL PIBID DO PARANÁ

Anais do Evento



Foz do Iguaçu | 23 e 24 | Outubro 2014

ISSN: 2316-8285

AVALIAÇÃO FORMATIVA: O USO DO PORTFÓLIO NO ENSINO DE HISTÓRIA

Érica Prado de Carvalho Negreiros¹

Matheus Gomes Barbieri²

Resumo: Nas atividades escolares as quais tivemos contato através dos trabalhos realizados no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), percebemos algumas dificuldades dos professores em relação às práticas avaliativas. Entendendo a avaliação como parte contínua do processo de ensino-aprendizagem e percebendo os equívocos que norteiam a didática da avaliação, bem como sua importância enquanto meio de motivação extrínseca dos alunos e sua necessidade de estar ligada aos objetivos dos professores em sala de aula, percebemos através de leituras na área da avaliação, o uso do portfólio como um meio de abarcar várias necessidades do ensino e das práticas avaliativas, de modo que esta possa se apresentar de forma mais efetiva e formativa.

Palavras-chave: Ensino. Avaliação. Portfólio

Nas pesquisas teóricas para realização dos trabalhos desenvolvidos nas escolas através Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), com a orientação da professora Dra. Marlene Cainelli, encontramos no Portfólio um instrumento interessante para o ensino e a avaliação.

Existem vários tipos de propostas pedagógicas para auxiliar os professores frente aos desafios encontrados em sala de aula e muito ainda se estuda, no entanto, mesmo não havendo dicotomia entre teoria e prática, o que vemos é que as muitas teorias sobre didática de ensino não estão sendo colocadas em práticas e a educação tradicional é o que continua vigente em diversas escolas (SOUZA, 2005). Na pedagogia tradicional os saberes são vistos como informações prontas e a educação concebida como mera transmissão e memorização destas informações. Como a avaliação é entendida nesta educação tradicional? De acordo com Souza (2006) a pedagogia tradicional é voltada para um saber quantitativo e como as formas de avaliação estão ligadas aos objetivos educacionais, logo a avaliação neste âmbito terá caráter quantitativo. Neste contexto a avaliação é utilizada para medir, quantificar o conhecimento e, segundo Foucault (1987), muitas vezes toma um papel de controle sobre os alunos, uma vez que torna-se um instrumento de coerção, utilizada para fazer com que os alunos prestem atenção na aula, por exemplo. Além disso, o professor não tem responsabilidade nenhuma sobre os resultados que seus alunos obtiveram, uma vez que o conteúdo foi transmitido, a obrigação do professor teria sido cumprida.

As novas vertentes pedagógicas tem priorizado a avaliação qualitativa, mas esta tem se colocado de forma equivocada na prática escolar, afinal a incorporação de um sistema avaliativo

¹ Graduanda em história pela Universidade Estadual de Londrina

² Graduando em história pela Universidade Estadual de Londrina

qualitativo em uma educação que ainda contém enraizado conceitos da educação tradicional, não poderá se colocar de forma efetiva, uma vez que ambas divergem. Assim o conceito de avaliação da aprendizagem estará ligado à concepção pedagógica e a visão de educação que a instituição e/ou o educador tenham para embasar seu trabalho.

Entendendo as especificidades que Rüsen (2006) coloca para o ensino de história, as correntes pedagógicas histórico-crítica e construtivista, apresentam muitas questões para auxiliar no ensino de história. Principalmente no âmbito construtivista a avaliação tem um caráter extremamente subjetivo, não podendo nunca ser vista como algo fechado e, se o saber é construído no caminhar do educando, é neste processo que o professor coletará dados do desenvolvimento deste. Nesta perspectiva o professor tem os resultados para orientar seu trabalho e este tem sua responsabilidade nos resultados que seus alunos alcançam e não tem apenas o objetivo de avaliar o aluno.

Devido ao caráter subjetivo da avaliação, adotar uma metodologia que privilegie a construção de conhecimentos é essencial para se aplicar uma avaliação mais formativa. Sem pretensão de evocar o melhor instrumento avaliativo para o ensino de história, mas a fim de apontar um método ao qual reúna várias das especificidades do ensino de história, podemos ver no portfólio um objeto mais completo.

O portfólio não deve ser confundido com um caderno diário, pois não se trata de um arquivo de todos os trabalhos dos alunos, nem de resumos do conteúdo da aula, mas

619

O portfólio é uma compilação apenas dos trabalhos e relatos que o aluno entenda como mais relevantes (após um processo de análise crítica e devida fundamentação). O importante não é o portfólio em si, mas o que o aluno aprendeu ao cria-lo. (ARTES: 1995, P. 76)

Para Nunes (1999) é uma estratégia que facilita a aprendizagem e permite a avaliação da mesma. O portfólio apresenta um caráter dinâmico e contínuo que torna o aluno cúmplice e responsável pela sua aprendizagem e avaliação, motivando-o assim para realização de aprendizagens significativas, pressupõe uma organização cronológica dos trabalhos que permitirá uma comparação do aluno com ele próprio, valorizando uma análise tanto retrospectiva como prospectiva, ou seja, o ponto de partida, o percurso e o ponto de chegada. Os portfólios apresentam algumas importantes vantagens para o ensino segundo Nunes, dizendo muito mais sobre o aluno que uma avaliação aplicada em um único dia, com um único instrumento, pois contém evidências referentes a um vasto leque de competências e conhecimentos deste. Evidenciam o processo de aprendizagem e não apenas o produto e permitem relacionar atitudes e valores bem como competências e conhecimentos, estimulam a síntese e a reflexão.

O portfólio não é o método mais fácil, uma vez que necessitará de acompanhamento do professor, correções regulares que em muitas vezes poderão levar a alteração do cronograma de curso e das metodologias utilizadas em sala de aula, ao contrário de uma prova no final de uma unidade, bimestre ou trimestre em que o professor elabora as questões, corrige, encontra-se a nota do aluno e o professor pode começar então um novo conteúdo. Em um contexto assim o professor não necessita retornar ao conteúdo não compreendido pelo aluno, a parte do professor foi feita: transmitir os conteúdos programados. Embora possa ser mais trabalhoso a avaliação através do portfólio ela implicará em uma prática avaliativa para ensinar e não um ensino para avaliar, a avaliação deve ser um meio e não um fim.

Pensando em um ensino de história significativo, sem uma mera reprodução de informações, o uso do portfólio pode somar ao ensino a fim de formar um aluno crítico e reflexivo, para tal não é possível que o professor se valha de qualquer instrumento que cerceie a liberdade de pensamento, por isso é importante discutir as várias avaliações existentes e as mais eficazes para esse objetivo do ensino de história.

Referências Bibliográficas:

ARTER, J., SPANDEL, V. e CULHAM, R. Portfolios for assesment and instruction. Greensboro, 1995.

FOUCAULT, Michel. “Os corpos dóceis” in Vigiar e Punir. RJ: Vozes, 1978.

NUNES, J. (1999) – Portfolio: uma nova forma de encarar a avaliação? **Revista Noesis**. N.º 52.

RÜSEN, Jörn. Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. Tradução de Marcos Roberto Kusnick. Práxis Educativa, 2006.

SOUZA, A. M. (org.). **Dimensões da avaliação educacional**. Petrópolis: Vozes, 2005.

SOUZA, N. A. A função pedagógica do erro. **III Congresso Internacional de Avaliação Educacional**. Eixo 2. Fortaleza, Novembro de 2006.